

PRESENÇA E COPRESENÇA? REFLEXÕES SOBRE A PRÁTICA PEDAGÓGICA NO ENSINO REMOTO EMERGENCIAL NA PÓS-GRADUAÇÃO STRICTO SENSU

Juliani Menezes dos Reis¹

Fabírcia Py Tortelli Noronha²

Naidi Carmen Gabriel³

Luciana Backes⁴

Karen Cardoso Barchinski⁵

Resumo: A partir da pandemia da Covid-19, o viver e conviver foram configurados por meio das tecnologias digitais (TD). O objetivo deste capítulo consiste em refletir sobre as transformações no processo de ensino e de aprendizagem provocadas pela necessidade de distanciamento físico em um Programa de pós-graduação em Educação (mestrado e doutorado), da Universidade La Salle. É um estudo exploratório, de natureza qualitativa que emerge das inquietações com o processo que permeou a vivência do fenômeno. As convivências foram estabelecidas nas disciplinas, orientações, bancas e grupo de pesquisa Convivência e Tecnologia Digital na Contemporaneidade – COTEDIC UNILASALLE/CNPq. As reflexões foram arti-

-
- 1 Doutora em Educação pela Universidade La Salle, membro do Grupo de Pesquisa COTEDIC UNILASALLE/CNPq, Bibliotecária na Universidade Federal do Rio Grande do Sul. E-mail: juliani.reis@ufrgs.br.
 - 2 Doutora em Educação pela Universidade La Salle, membro do Grupo de Pesquisa COTEDIC UNILASALLE/CNPq, Professora do Instituto Federal do Rio Grande do Sul - IFRS. E-mail: fabricia.noronha@poa.ifrs.edu.br.
 - 3 Doutoranda em Educação pela Universidade La Salle, membro do Grupo de Pesquisa COTEDIC UNILASALLE/CNPq, Técnica em Assuntos Educacionais do Instituto Federal de Santa Catarina - IFSC. E-mail: naidi.gabriel@ifsc.edu.br.
 - 4 Doutora em Educação pela Universidade do Vale do Rio dos Sinos e Université Lumière Lyon2, líder do grupo de pesquisa COTEDIC UNILASALLE/CNPq, Professora-pesquisadora da Universidade La Salle. E-mail: luciana.backes@unilasalle.edu.br.
 - 5 Mestre em Educação pela Universidade La Salle, membro do Grupo de Pesquisa COTEDIC UNILASALLE/CNPq. E-mail: kbarchinski@gmail.com.

culadas com a teoria da Biologia do Conhecer e aproximadas com a filosofia da experiência de Dewey. As considerações finais indicam que práticas pedagógicas autorreguladoras dos processos de ensinar e de aprender, a partir da problematização e perturbação para a interação, criação e cocriação, possibilitam a estudantes e educadores se fazer presentes e copresentes em espaços digitais virtuais.

Palavras-chave: Ensino Remoto Emergencial. Presença. Copresença. Práticas pedagógicas.

1. INTRODUÇÃO

No início do ano de 2020 fomos surpreendidos com o surgimento do vírus SARS-CoV-2, causador da Covid-19⁶, que rapidamente se espalhou pelos cinco continentes com o status de Pandemia. Observamos atônitos sua chegada ao Brasil, ao mesmo tempo em que países da Europa e da Ásia começaram a fechar suas fronteiras para estrangeiros, visando diminuir a circulação de pessoas e, conseqüentemente, do vírus. A Organização Mundial da Saúde (OMS) orientou para o uso de máscaras, higienização das mãos e distanciamento social. Assim, o mundo viveu, e ainda vive, as conseqüências da doença, o aprofundamento das dificuldades e desigualdades sanitárias, econômicas, políticas, sociais e culturais. Nesse período, todos os segmentos considerados não essenciais foram fechados para atendimentos presenciais.

As atividades laborais, na medida do possível, foram reorganizadas para realização de casa, em *home office*, e as instituições educacionais migraram para o ensino remoto emergencial (ERE), regido pela portaria do MEC n.º 343 (BRASIL, 2020), que autorizou a substituição das aulas presenciais por aulas em meios digitais. No ERE o termo remoto se refere ao fato de tanto professores, quanto estudantes estarem impossibilitados de conviverem no ambiente físico da sala de aula, ou seja, no espaço geograficamente localizado. O termo emergen-

6 O Ministério da Saúde informa que a Covid-19 é uma doença causada pelo coronavírus – denominado SARS-CoV-2 - que apresenta um quadro clínico variado de infecções assintomáticas até quadros graves.

cial se refere à forma inesperada como tudo aconteceu, fazendo com que o planejamento pedagógico de 2020 e 2021 fosse repensado e adaptado à nova situação (BEHAR, 2020).

Nessa perspectiva, as instituições educacionais investiram em tecnologias digitais (TD), capacitação de recursos humanos para o ERE e auxílio aos estudantes sem acesso às TD, visando dar continuidade ao processo de ensino e de aprendizagem e, assim, minimizar os impactos causados pela pandemia na educação. A adaptação exigiu reflexão e reorganização para as atividades ao meio digital, a fim de manter o criar, o reinventar e o cocriar, bem como a socialização, comunicação e interação entre os participantes. De acordo com Backes (2011), as TD se configuram como espaços digitais virtuais de convivência quando os seres humanos representam suas compreensões e definições no viver e conviver com o outro, mediante perturbações e compensações das perturbações, na perspectiva da coexistência, logo, não são todas as TD que se configuram como espaços digitais virtuais.

Este estudo exploratório, de natureza qualitativa, emerge da necessidade de compreender como ocorreu esses processos de ensinar e de aprender e não apenas os resultados ou produtos emergentes do fenômeno. Neste contexto, o objetivo é refletir sobre as transformações no processo de ensino e de aprendizagem, provocadas pela necessidade de distanciamento físico, em um Programa de pós-graduação em Educação (mestrado e doutorado), da Universidade La Salle

A partir da experiência no fenômeno do ERE, que se efetivou por meio das TD, refletimos sobre as práticas pedagógicas autorreguladoras e o conceito de presença na Biologia do Conhecer (MATURANA; VARELA, 2002) e da copresença (LÉVY, 2003; BACKES, 2015a) em aproximação com filosofia da experiência de Dewey (1976). Assim, o fenômeno é apresentado a partir das percepções sobre os acontecimentos no cotidiano acadêmico (aulas, orientações, grupo de pesquisa, bancas de qualificação e de defesa). O contexto observado é o grupo de pesquisa Convivência e Tecnologia Digital na Contemporaneidade da Universidade La Salle – COTEDIC UNILA-SALLE/CNPq. As considerações emergem da reflexão coletiva

sobre as transformações no processo de ensino e de aprendizagem, sob a compreensão das pesquisadoras.

2. A EXPERIÊNCIA DE CONVIVER EM TEMPOS DE PANDEMIA

Dewey (1976) apontava para a conexão orgânica existente entre vida e educação, denominando de experiência. De acordo com o autor, a experiência é um constante processo de ajuste do sujeito ao mundo social e que nessa conciliação entre sujeito e mundo de natureza temos também um mundo de cultura permeando as relações de aprendizagem. Nesse sentido, os pressupostos da educação Deweyana estão presentes na escola, inclusive na brasileira, tanto pela ideia de instigar as reflexões do estudante, quanto de fazer educação a partir da experiência.

A partir do contexto do grupo de pesquisa COTEDIC UNILASALLE/CNPq, que configura seu espaço de convivência a partir da Biologia do Conhecer (MATURANA; VARELA, 2002), foi possível pensar nas aproximações sobre o conceito de experiência de Dewey (1976) e Maturana e Varela (2002) nas vivências educacionais de 2020. Nossa convivência, por meio das TD, se configurou em interações que proporcionaram a organização e a reorganização da própria experiência na educação. Refletimos sobre o processo de construção do conhecimento articulando o conceito de experiência para Dewey (1976) e Maturana e Varela (2002), além de trazer como ocorre a aprendizagem para cada um destes autores.

Para Maturana e Varela (2002) a aprendizagem ocorre na autoprodução para a transformação, por meio de interações recursivas, intrinsecamente relacionadas com a maneira como vivemos e convivemos com os demais para a configuração do espaço. Correlacionam os fenômenos da cognição com o próprio processo de viver, para a construção do conhecimento. Assim, a aprendizagem ocorre por meio da interação, perturbação, reflexão, compensação das perturbações e a autopoiese. Para Maturana e Varela (2002),

[...] toda experiência cognitiva inclui aquele que conhece de um modo pessoal, enraizado em sua estrutura biológica, motivo pelo qual toda experiência de certeza é um fenômeno individual cego em relação ao ato cognitivo do outro, numa solidão que só é transcendida no mundo que criamos junto com ele (MATURANA; VARELA, 2002, p. 22).

A experiência para os autores é um ato cognitivo, atravessado pela filogenia e ontogenia, resultando na autopoiese a partir da configuração do espaço de convivência. A vida é um processo de construção do conhecimento, no qual a cada momento temos a oportunidade de conhecer e aprender. Ao mesmo tempo que construímos conhecimento, também reconfiguramos e adaptamos nossa percepção em relação ao mundo. A partir de sua ontogenia (história de interações ao longo da vida) e do compartilhamento, emergem as perturbações para os movimentos de *ação-reflexão-ação*. Ou seja, agir, refletir e agir cognitivamente no compartilhamento de percepções e da perspectiva do ser humano com o outro, em congruência com o meio, resultando “num desencadeamento de mudanças estruturais entre os participantes do encontro” (MATURANA, 2002, p. 59).

Conforme Backes (2013), o espaço de convivência se configura em congruência com o meio, assim, ao alterar a natureza do meio, alteramos a forma de configuração do espaço de convivência. Na experiência com as TD estabelecemos relações e interações entre os seres humanos que modificam a lógica da conduta, bem como as tecnologias exploradas, a fim de adaptar as funcionalidades tecnológicas e as necessidades humanas. Assim, o *Instagram*, rede social constituída de imagens e fotografias, passou a ser utilizado também para realização de *lives*, e o *Google Meet*, software para videoconferências, adicionou novas funcionalidades e aprimoramentos para a interação, como “levantar a mão” para falar. Portanto, seres humanos e tecnologias se transformam de forma recursiva.

As experiências se efetivaram devido a adaptação entre ser humano e TD para a convivência durante o período de distanciamento físico. Com tantos recursos tecnológicos à disposição, foi importante a escolha de tecnologias que potencia-

lizassem a interação, a reflexão, a problematização e a construção de conhecimentos. Para Dewey (1976) vive-se aprendendo e o que se aprende leva-nos à ampliação de nossas experiências constituindo um novo viver. Nessas vivências, observamos que o meio social e o indivíduo estão em constante interação e adaptação, buscando ajustes para estar em harmonia. O autor afirma ainda que isso não é simples, criar hábitos para aprender é um processo contínuo que está diretamente ligado à própria vida.

Percebemos que ao falar sobre a indissociabilidade entre vida, aprendizagem e educação, os pensamentos de Dewey (1976) e Maturana, Maturana e Varela (2002) se aproximam. Para (MATURANA, VARELA, 2002 p. 12) “a vida é um processo de conhecimento, os seres vivos constroem esse conhecimento não a partir de uma atitude passiva e sim pelas interações. Aprendem vivendo e vivem aprendendo”.

O valor das interações é ressaltado, já que é no fluxo de interações de cada indivíduo se adapta ao grupo, estabelecendo a conduta adequada⁷ entre os participantes, mantendo suas características particulares. Assim, em interação com outros seres humanos e em congruência com o meio, os participantes constroem o conhecimento na convivência e no viver. Nesse sentido, entendemos que, se de alguma forma o período de distanciamento trouxe grandes desafios e perturbações, também contribuiu para o processo educacional, com a integração das TD nas relações de ensino e de aprendizagem, oportunizando novas convivências e aprendizagens.

3. AS PRESENCAS NO ENSINO REMOTO EMERGENCIAL: VIVER E CONVIVER

Nas universidades os hábitos, horários, rotinas e os processos de ensinar e de aprender foram reorganizados e

7 Para Maturana (1997) “a conduta adequada é a conduta que é congruente com as circunstâncias nas quais ela se realiza. A conduta é algo que se vê, é as mudanças de estado de um organismo em seu meio, tal qual vistas por um observador” (p. 62), onde esse observador enxerga e descreve essa conduta, por meio das mudanças de estado do seu organismo.

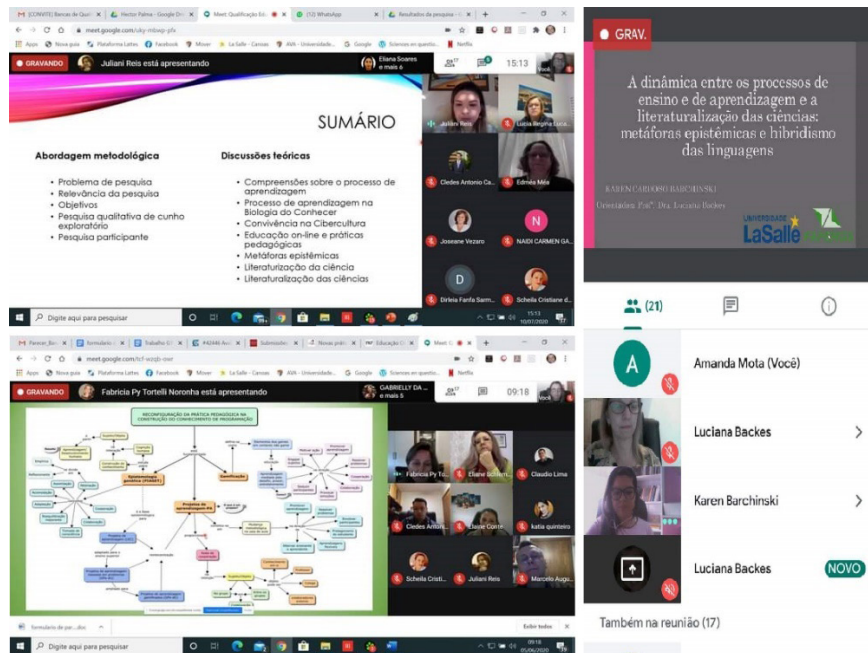
adaptados para o meio on-line, a fim de atender as necessidades de distanciamento social. No programa de pós-graduação em Educação da Universidade La Salle e no grupo de pesquisa COTEDIC UNILASALLE/CNPq não foi diferente. Bancas de qualificação, defesa de teses e dissertações aconteceram via webconferência; palestras, *lives* e eventos com pesquisadores nacionais e internacionais foram realizadas através do *Youtube* e *Instagram*. Além das disciplinas, as reuniões dos grupos de pesquisas foram desenvolvidas por meio das TD.

Nesse sentido, vivenciamos a Educação on-line, definida como “o conjunto de ações de ensino-aprendizagem, ou atos de currículo mediados por interfaces digitais que potencializam práticas comunicacionais interativas, hipertextuais e em mobilidade” (SANTOS, 2014, p. 63). Para a configuração do espaço de convivência digital virtual⁸ foram utilizadas as seguintes TD: *Google Meet* para videochamadas de encontros síncronos; *Google Classroom* para organização da prática pedagógica; *Google Drive* para a disponibilizar arquivos teóricos e realização de trabalhos colaborativos; *WhatsApp* para comunicadores instantâneos.

Com essas tecnologias efetivamos a interação, compartilhamento e mediação entre os participantes para ensinar, aprender e construir conhecimentos, a partir das problematizações emergentes. Salientamos que a configuração de espaços digital virtual para a aprendizagem não substitui as interações que ocorrem presencialmente, mas coexistem e tornaram possível a continuidade das atividades na pós-graduação.

Destacamos o viver e o conviver registrados em atividades realizadas em formato on-line, no qual as experiências das autoras na qualificação de projetos de dissertação e tese, por meio do *Google Meet*, foram significativas para a construção do conhecimento (Figura 1).

8 “[...] os espaços digitais virtuais se configuram por meio das TD que possibilitam a ação, relação, interação e compartilhamento das representações dos seres humanos; permitem criar espaços próprios e particulares de cada grupo social (pois os seres humanos estão em congruência com o meio); oferecem recursos que potencializam a coordenação das coordenações das ações (o ser humano compreende a ação do outro e atribui significado)” (BACKES, 2015b, p. 439).

Figura 1: Bancas de Qualificações dos Projetos de Dissertação e Teses

Fonte: Construção das Autoras (2020-2021).

A Figura 1 representa a forma como convivemos durante as atividades (bancas de qualificação de projetos de teses e dissertações), por meio do *Google Meet*. No contexto dessas interações, chamou a atenção a necessidade qualidade de conexão para o desenvolvimento das atividades, tendo em vista os aspectos técnicos de conexão com a internet. Descobrimos que, por vezes, era necessário desativar o vídeo da chamada no *meet* para melhoria da qualidade de áudio.

O auxílio de terceiros para apresentar slides foi uma situação observada, seja pela baixa qualidade da conexão e/ou o compartilhamento, pela dificuldade em operar com a tecnologia e até pela utilização de dispositivos móveis durante a videochamada. Foi preciso atentar aos ruídos externos, entre outras precauções necessárias, uma vez que o ambiente acadêmico se constituiu em meio ao ambiente familiar e profissional, de modo que tudo se misturasse.

Se a sobrecarga de atividades on-line, que por vezes se intensificaram pela facilidade de estar conectado a tudo e a

todos por meio das TD foi destaque neste momento, também é precioso sinalizar que a conexão possibilitou aumento da participação de professores de outras regiões ou, até mesmo, de outros países de modo on-line na composição de bancas de mestrado e de doutorado na Universidade La Salle tornando-as ainda mais ricas. Nesse período, as participações on-line mostraram-se uma potencialidade a ser explorada também no pós-pandemia, considerando o recurso de gravação na íntegra e viabilizando a retomada de momentos importantes.

Com essas convivências observamos que novas experiências foram possíveis de serem exploradas mediante as TD. Professores, estudantes e instituições educacionais buscaram se adaptar às necessidades do momento, superando a resistência aos aparatos tecnológicos e, de forma colaborativa e cooperativa, criaram possibilidades de interação mediante práticas pedagógicas que autorregularam os processos de ensinar e de aprender, a partir da problematização e perturbação para a interação, criação e cocriação. Contudo, ponderamos que nem todas as aulas e atividades realizadas de modo on-line foram interativas e, tampouco, engajaram os estudantes, como compreendemos para a Educação on-line.

Vale destacar, que a presencialidade que antes parecia ser imprescindível para as relações de aprendizagem foi, em alguma medida, contornada pelo uso das TD, dado que cumprem papel fundamental de proporcionar espaços digitais virtuais de convivência onde estudantes e professores, em interação, formam uma rede de construção de conhecimentos próxima das interações ditas “tradicionais” no espaço geográfico da sala de aula. Segundo Backes e Schlemmer (2008), o espaço digital virtual consiste na configuração de um espaço a partir da interação e articulação de diferentes elementos, que é digital, pois compreende a transformação das informações em dígitos binários, e é virtual porque representa uma potência.

Durante os encontros das disciplinas, orientações e grupo de pesquisa ampliamos a construção de conhecimentos desenvolvendo nosso processo de aprendizagem. A partir de perturbações que emergiram, pontuamos no Quadro 1 alguns

questionamentos que, apesar de não serem discutidos um a um neste trabalho, permearam nossas reflexões, tanto no contexto acadêmico, quanto no contexto educacional.

Quadro 1 – Perturbações emergidas durante as discussões

Quando podemos afirmar que vivenciamos uma experiência?

O que é estar presente?

Até que ponto realmente conseguimos realizar diversas experiências ao mesmo tempo?

Como a presença (geograficamente localizada ou digital virtual) interfere no processo de aprendizagem?

Em tempos de distanciamento social e conectividade, por vezes excessivas, a saúde física e mental dos pós-graduandos está sendo preservada?

Após as experiências vivenciadas no ERE, quais as possibilidades para aulas e atividades pedagógicas no período pós-pandêmico?

Fonte: Construção das Autoras (2021).

Desses apontamentos, elegemos a perturbação “O que é estar presente?”, considerando que com as inúmeras mudanças experienciadas na pandemia, sentimos a necessidade de retomar algumas unidades analisadas no estudo que emergiu durante os anos de 2014 a 2016, quando o grupo de pesquisa COTEDIC UNILASALLE/CNPq desenvolveu a pesquisa: os espaços híbridos nos processos de ensinar e de aprender: a presença e a copresença no viver e conviver. Nesse sentido, foram retomados os conceitos de PRESENÇA, NÃO PRESENÇA E COPRESENÇA, as quais fizeram articulações com o momento pandêmico vivido.

A palavra presença tem como significado estar junto, ao lado de alguém fisicamente presente, no mesmo tempo e espaço. No entanto, a presença de uma pessoa também pode ocorrer sem que ela esteja presente fisicamente no espaço geográfico, nos levando a pensar sobre o que significa estar presente em uma sala de aula on-line, por exemplo. Devido às TD e por meio das tecnologias, é possível estar “próximo” de alguém, mesmo estando em outro espaço geograficamente localizado.

A familiaridade em relação às tecnologias digitais, fez com que se tornassem cada vez mais naturalizadas no nosso dia a dia, possibilitando deslocar nosso olhar para os seres humanos que, conforme Backes e Schlemmer (2014), configuram o seu viver e conviver, em constante processo de interação e em congruência com o espaço. Nesse contexto, fomos instigadas a refletir sobre a presença, a não presença e a copresença (Quadro 2).

Quadro 2: As presenças

PRESEÇA	NÃO PRESEÇA	COPRESEÇA
Manifestação do seu “eu”	Não manifesta o seu “eu”	Compartilha com os colegas e professora – com o outro - a sua presença no fluxo do viver
Materializa suas ideias e pensamentos	Não há preocupação em materializar as ideias e pensamentos	Aceita a presença do outro legitimando sua compartilhamento
Simple relato das atividades	Não relata a ação cognitiva	

Fonte: Adaptado de Backes, Barchinski e Mantovani (2017).

A partir dessas considerações, nos questionamos: estar conectado em uma aula on-line, navegando em sites e redes sociais, respondendo mensagens pelo WhatsApp, é estar presente? É possível discutir com professores e colegas em um momento síncrono realizando tantas atividades simultâneas? E o processo de aprendizagem como se efetiva neste contexto? Nesse sentido, entendemos que ao participar e interagir durante as atividades e desafios, compartilhamos a nossa presença e legitimamos a presença do outro, COPRESEÇA, e nos fazemos PRESENTES ao manifestar nossos pensamentos. Ou seja, não basta só estar presente, é necessário “compartilhar” a presença, expressando nossas percepções e conhecimentos com o outro (LÉVY; LUSSAULT, 2003). Ainda segundo os autores, a copresença se caracteriza pelo conjunto e agregação de realidades sociais distintas, num mesmo lugar. Assim, na copresença o grau de distância é igual a zero, mesmo que estes

encontrem-se em espaços geográficos distintos. Sendo a distância aumentada quando não há interações, NÃO PRESENÇA (LÉVY; LUSSAULT, 2003).

É importante destacar que a presencialidade remete ao corpo físico, a estar presente em algum lugar, em um determinado momento. Entretanto, quando associado às TD, esse conceito é ressignificado e a presença passa a ser reconhecida não mais pela materialidade do corpo no espaço e, sim, pela participação e interações com o outro, expressando suas percepções e construindo conhecimentos juntos.

4. CONSIDERAÇÕES FINAIS

Em virtude da pandemia vivemos experiências inéditas que resultaram em situações incomuns – distanciamento social, alta conectividade digital, ERE – refletindo em transformações nos processos de ensino e de aprendizagem, exigindo sua reorganização para a adaptação das interações por meio *das TD*. Foi preciso considerar o contexto, se adaptar às diversas condições existentes para ressignificar o processo educacional e proporcionar experiências significativas para os estudantes.

Apesar de ser um período extremamente delicado e de muitos desafios proporcionados pela situação, com a emergência da mediação tecnológica e pedagógica nas interações foi possível que professores e estudantes construíssem conhecimentos. A flexibilidade que as TD proporcionam no conforto de casa, sem precisar dispor de tempo no trânsito e arcar com custos de deslocamento, são fatores a serem considerados, pois, possibilitam ampliar as relações com pessoas que estão também localizadas em outros espaços físicos que coexistem com os espaços digitais virtuais.

Contudo, não podemos nos furtar de reconhecer as desigualdades sociais que refletem no ambiente educacional. A falta de estrutura tecnológica e de conexão à internet inviabiliza a frequência nas aulas e a realização de atividades. Dessa forma, nem todos os estudantes têm as mesmas oportunidades para acompanhar e, em alguma medida, não habitam esta

nova forma de viver e conviver. Diferentemente da realidade de outros níveis de ensino, em nossa experiência na pós-graduação stricto sensu, numa instituição privada, esta situação apresentou-se de forma sutil entre os colegas.

Também é importante ressaltar que o momento se consistiu em uma novidade e que eram recentes as referências sobre como construir o conhecimento no contexto *on-line* a partir do ERE. A todo momento questionamentos emergiam: quais práticas pedagógicas poderiam ser significativas e eficazes; e quais práticas conseguiriam engajar o maior número de estudantes. Entretanto, as pesquisas realizadas no contexto do COTEDIC UNILASALLE/CNPq, indicam que precisamos estar atentos as novas possibilidades e cocriar práticas pedagógicas interativas junto aos estudantes, de modo a instigá-los na exploração de TD não apenas para lazer e diversão, mas, essencialmente, para a interação na construção e articulação entre conhecimentos. Mediante práticas pedagógicas problematizadoras e perturbadoras, se constituem novas formas de vivência, convivência e experiências de aprendizagem.

Cabe a nós, professores e pesquisadores, refletir sobre as nossas experiências, a partir das perturbações ou conflitos, a fim de construir e desenvolver novas práticas pedagógicas que instiguem experiências e a presença e copresença para além do ERE, visando a educação on-line. Para isso, as ações precisam estar articuladas com teorias fundamentadas em epistemologias educacionais coerentes com a complexidade educacional contemporânea.

REFERÊNCIAS

- BACKES, Luciana. **Espaço de convivência digital virtual (ECO-DI): o acoplamento estrutural no processo de interação.** ETD [online]. 2013, v. 15, n. 2, p. 337-355. Disponível em: <http://educa.fcc.org.br/pdf/etd/v15n02/v15n02a09.pdf>. Acesso em: 9 jun. 2023.

- BACKES, L. **A configuração do espaço de convivência digital virtual:** a cultura emergente no processo de formação do educador. 2011. 362 f. Tese (Doutorado em Educação) – Programa de Pós-Graduação em Educação, Universidade do Vale do Rio dos Sinos, São Leopoldo, 2011.
- BACKES, L. **The Cooperation in Hybrid Spaces:** The presence and co-presence in the learning process. Biennale internationale de l'Éducation, de la Formation et des Pratiques professionnelles, Paris, France, juin 2015a.
- BACKES, L. O Hibridismo Tecnológico Digital na Configuração do Espaço Digital Virtual de Convivência: Formação do Educador. **Revista Inter Ação**, Goiânia, v. 40, n. 3, p. 435-456, 2015b. DOI: 10.5216/ia.v40i3.35419. Disponível em: <https://revistas.ufg.br/interacao/article/view/35419>. Acesso em: 18 jan. 2023.
- BACKES, L.; SCHLEMMER, E. O processo de aprendizagem em Metaverso: formação para emancipação digital. **Desenvolve – Revista de Gestão do Unilasalle**, v. 3, p. 47-64, 2014.
- BACKES, L.; SCHLEMMER, E. A configuração do espaço digital virtual de convivência na formação do educador em mundos virtuais. In: CONGRESSO INTERNACIONAL ABED DE EDUCAÇÃO A DISTÂNCIA, 14, 2008, Santos, SP. **Anais** [...]. Santos, SP: ABED, 2008. Disponível em: <http://abed.org.br/congresso2008/tc/55200814445PM.pdf>. Acesso em: 25 nov. 2022.
- BACKES, L. *et al.* **Diálogos com, sobre e por meio das tecnologias:** desafios emergentes da pandemia. [s.l.]: UNIVERSIDADE LA SALLE, 2021. Formação Docente 2021/2 - Diálogos com, sobre e por meio das tecnologias: desafios emergentes da pandemia. Disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=hQkBHV6NW6k>. Acesso em: 25 ago. 2021.
- BACKES, L.; BARCHINSKI, K.; MANTOVANI, A. M. Educação superior em espaços híbridos: a presença e a copresença no processo de cooperação. **Conjectura: Filosofia e Educação**, v. 22, n. 3, p. 458-481, set./dez. 2017. Dis-

- ponível em: <http://www.ucs.br/etc/revistas/index.php/conjectura/article/view/4792>. Acesso em: 15 nov. 2022.
- BEHAR, Patricia A. O Ensino Remoto Emergencial e a Educação a Distância. **Jornal da Universidade**, Universidade Federal do Rio Grande do Sul, 2 jul. 2020. Disponível em: <https://www.ufrgs.br/jornal/o-ensino-remoto-emergencial-e-a-educacao-a-distancia/>. Acesso em: 10 dez. 2022.
- BRASIL, Ministério da Educação (MEC). **Portaria nº 343, de 17 de março de 2020**. Dispõe sobre a substituição das aulas presenciais por aulas em meios digitais enquanto durar a situação de pandemia do Novo Coronavírus - COVID-19. Brasília: MEC, 2020. Disponível em: https://www.planalto.gov.br/ccivil_03/portaria/prt/portaria%20n%C2%BA%20343-20-mec.htm. Acesso em: 9 jun. 2023.
- BRASIL. Ministério da Saúde. **O que é a COVID-19**. Disponível em: <https://www.gov.br/saude/pt-br/coronavirus/o-que-e-o-coronavirus>. Acesso em: 4 dez. 2022.
- DEWEY, J. **Experiência e educação**. Tradução Anísio Teixeira. 2. ed. São Paulo: Companhia Editora Nacional, 1976.
- LÉVY, J.; LUSSAULT, M. **Dictionnaire de la géographie et de l'espace des sociétés**. Paris: Belin, 2003.
- MATURANA, H. **Ontologia da realidade**. Belo Horizonte: UFMG, 1997.
- MATURANA, H. R.; VARELA, F. **A árvore do conhecimento: as bases biológicas da compreensão humana**. São Paulo: Palas Athena, 2002.
- SANTOS, E. O. **Pesquisa-formação na cibercultura**. Santo Tirso, Portugal: Whitebooks, 2014. v. 1.